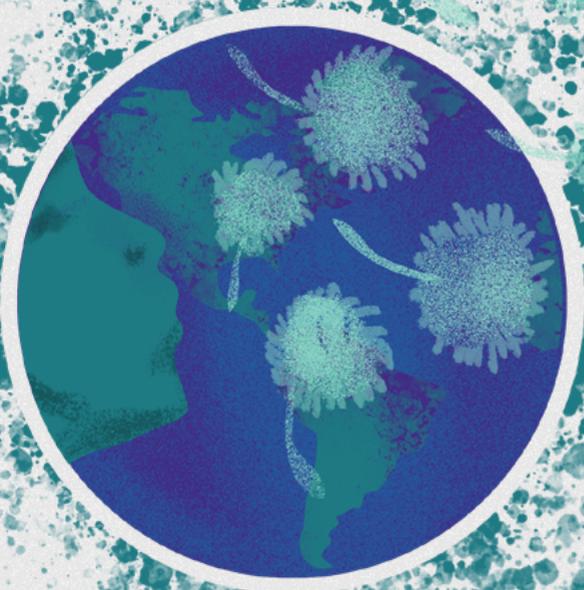


GUIA FÉ NO CLIMA

*Reflexões sobre Mudanças Climáticas
para Comunidades Religiosas*



CATÓLICOS

Instituto de Estudos da Religião - ISER

Diretora Executiva

Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo adjunto

Clemir Fernandes

Diretora de Operações

Luna Rozenbaum

Coordenação Acadêmica

Regina Novaes

Secretária

Helena Mendonça

Assistente Editorial

Lucas Bártolo

Conselho do ISER

Pedro Strozenberg (presidente)

Alice de Moraes Amorim Vogas

Barbara Musumeci Mourão

Ronilso Pacheco da Silva

Vilma Maria dos Santos Reis

Equipe de Religião e Meio Ambiente

Clemir Fernandes

Isabel Pereira

Julia Rossi

Karina Penha

Moema Salgado

Sharah Luciano

Textos

Clemir Fernandes

Fábio Rubio Scarano

Mirim Ju Yan Guarany

Dom Roberto Francisco Ferrería Paz

Moema de Miranda

Padre Fabio Potiguar Santos

Projeto gráfico, capa e diagramação

Bruna Souza

Assistente gráfica

Weyni Rodrigues

Revisão

Liana Fortes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
I24g	Instituto de Estudos da Religião. Guia fé no clima: catolicismo / Instituto de Estudos da Religião. – Rio de Janeiro, RJ: ISER, 2022. 33 p. : 14 x 21 cm
	ISBN 978-65-5872-225-0
	1. Catolicismo. 2. Sustentabilidade – Aspectos religiosos. 3. Meio ambiente – Conservação. I. Título.
	CDD 261.88
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Apresentação	04
Ciência e religião unidas pelo planeta: parceria pela vida	05
<i>Clemir Fernandes</i>	
O caminho do diálogo no enfrentamento às mudanças climáticas	06
<i>Fábio Rubio Scarano</i>	
Glossário	10
Cronologia	13
A Terra é nossa mãe	15
<i>Mirim Ju Yan Guarany</i>	
Ecoespiritualidade: uma vereda para casa	17
<i>Moema de Miranda</i>	
Climatizando a nossa fé	20
<i>Dom Roberto Francisco Ferrería Paz</i>	
A criação é uma história de amor	24
<i>Padre Fabio Potiguar Santos</i>	
Caminhos possíveis para a Ação Climática: 5 ideias para pôr em prática	26
Saiba mais sobre mudanças climáticas	28
Entre em contato	31



APRESENTAÇÃO

Há décadas, fala-se da necessidade de repensar a relação dos seres humanos com o meio ambiente. No entanto, o conhecimento científico acumulado, assim como os alertas dos ambientalistas ao longo dos anos, não foram suficientes para provocar um compromisso verdadeiro dos responsáveis políticos, nem uma transformação profunda na sociedade.

Hoje chegamos a um ponto crítico, em que repensar não é mais suficiente. É preciso agir com urgência contra a crise climática, buscando o engajamento de toda a sociedade na construção de novos paradigmas econômicos, políticos, sociais e culturais. A urgência climática nos desafia para a necessidade de sensibilizar, informar e articular diferentes públicos, potencializando e acelerando essa transformação.

As distintas expressões de fé provocam o sentimento de pertencimento a uma comunidade que nos acolhe, sensibiliza e fortalece. Neste contexto, é reconhecido que lideranças religiosas são importantes comunicadoras, pois dialogam cotidianamente com os valores mais profundos das pessoas. Assim, promover convergência entre ética religiosa e ética ambiental mostra-se um caminho poderoso de mobilização e ação.

A iniciativa Fé no Clima foi criada em 2015 no ISER (Instituto de Estudos da Religião), por um grupo de lideranças de diferentes crenças, com o objetivo de ampliar a mobilização e aprofundar o engajamento de líderes religiosos quanto aos desafios da crise climática.

Este **Guia Fé no Clima: reflexões sobre mudanças climáticas para comunidades religiosas** pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.

A primeira parte do Guia traz um texto informativo sobre a evolução e atualidade das mudanças climáticas. Em seguida, temos a honra de apresentar mensagens e inspirações religiosas de diferentes lideranças de comunidades de fé sensíveis ao cuidado ambiental. Por fim, indicamos algumas ideias para atuação e referências para aprofundamento sobre o tema das mudanças climáticas.

CIÊNCIA E RELIGIÃO UNIDAS PELO PLANETA: PARCERIA PELA VIDA

Clemir Fernandes

Cuidado ambiental e conhecimento científico são expressões naturalmente aceitas como pertinentes numa mesma frase. Já uma associação entre meio ambiente e religião pode soar estranha para muitas pessoas, por desconhecimento e até mesmo preconceito de lado a lado, quanto à relação entre ciência/meio ambiente e religião. Mas há avanços na conexão entre esses campos, como o bom exemplo da encíclica *Laudato Sí*, além de em documentos de diferentes religiões, como do Budismo, do Islamismo, entre outros.

Muito anterior ao "saber científico", e antes até da religião estruturada, os seres humanos viviam uma relação saudável com o ambiente natural que os cercava. Não havia separação formal entre pessoas e natureza, pois estavam perfeita e profundamente interligadas, mantendo ecologicamente o bem-estar de todos os seres. Essa realidade, no entanto, sofreu mudanças, gerando compreensões e segmentações diversas, com consequências prejudiciais para humanos e o restante da natureza. Com o fosso teórico e epistemológico entre religião e ciência, gerado há cerca de 200 anos como se um fosse contraponto do outro, essa relação se complicou ainda mais.

Entretanto, nos últimos anos principalmente, tem havido uma busca de convergência entre saberes diversos, tanto da ciência, da religião e de povos tradicionais, em prol da proteção ambiental. As diferentes religiões e expressões de espiritualidade têm redescoberto e revisitado suas relações com o ambiente, assim como ambientalistas e cientistas buscam aproximações com tais grupos para ações conjuntas em prol de toda vida no planeta. Neste sentido, comunidades de fé agregam à agenda ambiental um propósito transcendental e um imperativo moral para uma ação de cuidado ativo e responsável.

É neste espírito de diálogo e convergência de saberes que o Fé no Clima atua. A iniciativa inter-religiosa de interlocução entre ambientalistas e diferentes comunidades de fé tem promovido encontros e reflexões, conectando saberes religiosos e científicos, na defesa sagrada do ambiente. Para o bem sagrado de todos os seres.

Clemir Fernandes, pesquisador e Diretor Executivo adjunto do ISER



O CAMINHO DO DIÁLOGO NO ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Fábio Rubio Scarano

As ações humanas são responsáveis pelas mudanças climáticas, que têm o potencial de tornar a vida na Terra muito diferente do que conhecemos até aqui. Esta é uma conclusão do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC), de 2013. Tal impacto está relacionado ao fato do ser humano moderno se julgar um ente à parte da natureza.

Contudo, nem sempre foi assim. Na Grécia Antiga, cerca de 300 anos antes de Cristo,

Aristóteles atribuía à natureza um status quase divino. Na Idade Média, em cuja poesia ela “tinha voz”, a natureza era percebida, ora como ordenadora, ora como geradora de caos¹, mas em geral respeitada.

A percepção de separação – tanto conceitual como existencial – dos seres humanos em relação à natureza avançou entre os séculos XVI e XVIII. A partir da chamada “idade da razão”, essa

¹ Robertson K (2017) *Nature Speaks: Medieval Literature and Aristotelian Philosophy*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

O CAMINHO DO DIÁLOGO NO ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

suposta separação se agrava até hoje. O projeto científico de primeiro entender as partes para depois entender o todo parece incompleto. Ficamos nas partes e o resultado é uma segmentação entre saberes: mundo natural e mundo social. No fim do século XVIII, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a lógica do capital avançou vertiginosamente.

A natureza passou a ser percebida como um obstáculo a ser vencido ou como bem a ser explorado, apropriado e consumido. O resultado desse processo é o que ficou conhecido como Antropoceno.

A HUMANIDADE ULTRAPASSOU OS LIMITES PLANETÁRIOS

O Antropoceno, para muitos, é a era geológica atual². A primeira na qual o impacto de uma espécie – o ser humano – é grande ao ponto de alterar sensivelmente indicadores médios referentes aos sistemas naturais da

² O Antropoceno teria algo entre 70 e 250 anos, dependendo do autor. O termo surge com Paul Crutzen e as referências originais são os artigos: 1) Crutzen PJ, Stoermer EF (2000) *The “Anthropocene”*. *IGBP Global Change Newsletter* 41: 17–18. 2) Crutzen PJ (2002) *Geology of mankind*. *Nature* 415: 23.

³ IPCC, 2021: *Summary for Policymakers*. In: *Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J. B. R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.

⁴ Steffen W, Broadgate W, Deutsch L, Gaffney O, Ludwig C (2015). *The trajectory of the Anthropocene: the Great Acceleration*. *The Anthropocene Review* 2: 81–98.

⁵ Steffen W, Richardson K, Rockström J, et al. (2015). *Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet*. *Science* 347 DOI 10.1126/science.1259855.

FÁBIO RUBIO SCARANO

Terra. Como mostra o mais recente relatório científico do IPCC (2021)³, acima mencionado, alguns dos limites ultrapassados já são irreversíveis, o que implicará no aumento da frequência de desastres naturais extremos.

Essa realidade fica mais evidente a partir da chamada “Grande Aceleração” pós-1950, devido à velocidade da ação tecnológica transformadora da vida⁴. As mudanças climáticas e as elevadas taxas de perda de espécies são dois dos principais indicadores de que a humanidade teria transgredido limites planetários, isto é, ido além da zona de operação segura⁵. Tal transformação ameaça a sobrevivência da própria causadora do problema: a espécie humana.

PLANETA PODE SE TORNAR INABITÁVEL

Caso o padrão atual da atividade humana se mantenha, o cenário que se delineia é aterrador, de um planeta 4°C mais quente⁶. O Acordo de Paris, assinado em 2015, estipula que, até 2050, os países signatários vão se esforçar para que a temperatura chegue a, no



máximo, 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Tal acordo se baseia em evidências e projeções científicas que dão conta que os efeitos de um aumento de temperatura na faixa de 2°C incluem, dentre outros, degelo do Ártico e dos glaciares, com consequente elevação do nível do mar e inundações, além de queda brutal na produtividade agrícola. Seria um mundo inóspito para a espécie humana e muitas outras espécies⁷. É, portanto, razão de intensa preocupação a constatação do já citado último relatório do IPCC que dá conta que deveremos ter alcançado 1,5°C já em 2030. Ainda que todos os compromissos nacionais do Acordo de Paris venham a ser cumpridos, a temperatura média do planeta deverá se elevar, até o ano 2100, em pelo menos 2.6 a 3.1°C, comparada com os valores da era pré-industrial⁸. Logo, mais esforços na redução de emissão de gases estufa precisarão ser feitos pelos países.

O Brasil, um dos países que assinaram o acordo, assumiu compromissos como zerar o desmatamento ilegal, restaurar 12 milhões de hectares de áreas degradadas, aumentar o uso de biocombustíveis e de energia limpa até 2030. Entretanto, hoje mais de dois terços

⁶ IPCC (2013) *Climate change 2013: The physical science basis. Contribution of Working Group I to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge University Press, Cambridge.

⁷ Ver revisão sobre esse tema em Scarano FR (2017) *Ecosystem-based adaptation to climate change: concept, scalability and a role for conservation Science. Perspectives in Ecology and Conservation* 15:65-73.

⁸ Rogelj J, den Elzen M, Höhne N, et al. (2016) *Paris Agreement climate proposals need a boost to keep warming well below 2 °C*. *Nature* 534:631-639.

das emissões de gases estufa no país vêm de atividades ligadas a mudanças no uso da terra, como o desmatamento. Em 2019, o Brasil foi o sexto maior emissor mundial. Num cenário de manutenção do atual padrão de emissão, o país tem alta probabilidade de chegar a 2100 com 4°C de elevação de temperatura, em comparação à era pré-industrial. Isso significaria inundação de áreas costeiras e aumento na frequência de ciclones tropicais de alta intensidade, dentre outros efeitos maléficos para a vida de muitas pessoas, principalmente a populações mais empobrecidas, por terem menos alternativas de se proteger. Vários desses eventos extremos já se fazem sentir⁹.

É PRECISO PENSAR NAS GERAÇÕES FUTURAS

Para se adaptar às mudanças climáticas, o atual modelo de desenvolvimento, baseado no uso insustentável do meio ambiente, precisará mudar. Assim, a chamada "sustentabilidade" emerge como antídoto aos males do Antropoceno. Hoje se caracteriza como um valor, como ciência, como política e também como preceito ético, na medida em que incorpora a preocupação com gerações futuras e também com as espécies não-humanas da natureza.

Com o seu tripé social-econômico-ambiental, a sustentabilidade nos convida a perceber a natureza como parte da solução e não mais como problema, que de fato não é. Este é um chamado para a reintegração do ser humano à natureza. Tal caminho é coletivo, precisa de muito diálogo, da atuação governamental e empresarial, assim como das escolas e meios de comunicação, mas passa fundamentalmente pela transformação individual, por uma nova consciência e prática em nossas casas, em nossas comunidades de fé.

Dialogar com informação qualificada é essencial para enfrentar o desafio do combate às mudanças climáticas – que envolve conservação da natureza, redução da pobreza e desigualdade.

Se a voz da ciência é necessária para informar e projetar com precisão; se a voz da arte é indispensável para inspirar; se as vozes dos conhecimentos ancestrais – indígenas e tradicionais – são essenciais por serem próprias de humanos que não se apartaram da natureza, a voz da religião é imprescindível para nos remeter ao senso de fraternidade, de casa comum e para renovar a esperança na humanidade e no mundo.

Fabio Rubio Scarano, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro

⁹ Nobre CA, Marengo JA, Soares WR, eds. (2019) *Climate Change Risks in Brazil*. Springer, Cham.

GLOSSÁRIO¹

¹ Termos são apresentados na sequência em que são mencionados no texto.

Termo	Definição
Temperatura média global	A temperatura média do planeta é obtida tomando-se a temperatura do ar medida por inúmeras estações meteorológicas ao redor do mundo. A cada uma é atribuído um peso, conforme a área que representam. Calcula-se, então, a média pela soma de todos os valores dividida pelo número de pontos de medição. Hoje, estima-se que a temperatura média global seja 1,1°C superior ao valor da era pré-industrial e que esse aumento se deve à ação humana no planeta.
Gases de efeito estufa	Conjunto de gases que absorvem parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, e que dificultam seu escape para o espaço, mantendo-a aquecida. Tal efeito vem sendo exacerbado pela ação humana, que tem acumulado mais desses gases na atmosfera. O dióxido de carbono (CO ₂), o metano (CH ₄) e o óxido nitroso (N ₂ O) são exemplos desses gases.
IPCC	O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas é um painel mundial de cientistas, criado em 1988 pelas Nações Unidas, para produzir regularmente relatórios de avaliação baseados na melhor ciência disponível. Cada edição dos relatórios conta com especialistas do mundo inteiro.
Crise climática	O processo de aumento da temperatura média (aquecimento) global decorrente do acúmulo de gases estufa, predominantemente decorrente de emissões provocadas pelo homem, resulta num estado climático caracterizado por maior incidência local de eventos extremos, que incluem secas, inundações, tempestades, ciclones, tornados, ondas de calor, de frio, etc., sempre dependendo da localidade em questão.
Abordagem reducionista	Faz parte da lógica do método científico desenvolvido pelo cientista e filósofo francês René Descartes, no século XVII, reduzir o todo às suas partes, entender partes, para, em seguida, entender o todo. Pode ser problemática quando se concentra nas partes, deixando de lado o 'todo'.
Antropoceno	Termo cunhado pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer, no ano 2000, para denominar a atual época geológica, que se caracteriza pela dominação humana e seu imenso impacto na Terra. Tal impacto caracterizaria uma distinção em relação ao restante do Holoceno, o que justificaria, segundo esses autores, a definição de uma nova época. Como sempre, na ciência esse conceito tem encontrado alguma resistência, mas o fato é que já se popularizou e vem sendo empregado em vários campos. O Antropoceno teria algo entre 70 e 270 anos, dependendo do autor.

GLOSSÁRIO

Sistemas naturais	A ciência, por vezes, reduz o todo universal a sistemas naturais (tudo que existe independente da ação humana, por exemplo, biosfera, sistema solar, etc.) e sistemas humanos (pessoas e tudo que deriva da construção humana, por exemplo, cidades, prédios, etc.).
Holoceno	O Holoceno é a época ainda considerada formalmente pela ciência como sendo a atual, que surgiu com a última glaciação, entre 11 e 12 mil anos atrás.
Mudanças climáticas	Dizem respeito à variação do clima em escala global ou regional. Há um componente natural dessas mudanças, mas o que hoje está em curso se atribui principalmente à ação humana.
Limites planetários	Grupo de pesquisadores liderados pelos cientistas Johann Rockström e Will Steffen propõe haver nove limites que o planeta não deve ultrapassar para que a vida, como a conhecemos, continue a operar em segurança. Três limites, porém, já foram ultrapassados (e são inter-relacionados): crise climática, perda de biodiversidade e desequilíbrio do ciclo de nitrogênio.
Acordo de Paris do Clima	Acordo firmado entre os mais de 190 países que assinam a Convenção do Clima, entre eles o Brasil, que estipula limite de temperatura média do planeta a não ser ultrapassado até 2050. Os países signatários anunciaram também compromissos nacionais de redução de emissões de gases estufa.
Convenção do Clima	A Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas foi acordada pelos países signatários no Rio de Janeiro, em 1992. Ela dispõe sobre metas de redução e compensação de emissões de gases estufa e reúne quase todos os países do mundo. Entretanto, o acordo não é legalmente vinculante, ou seja, os países não são penalizados se não o cumprirem.
Degelo do Ártico e dos glaciares	O derretimento da calota polar ártica, bem como o de glaciares em montanhas elevadas (como, por exemplo, Andes, Alpes, Himalaia) é resultado do aumento da temperatura média global. Estima-se que os 14 maiores recordes de derretimento do Ártico se deram nos últimos 4 anos. As consequências são planetárias e incluem elevação do nível do mar.
Mitigação das mudanças climáticas	Diz respeito a ações que envolvam a redução na emissão de gases estufa. Normalmente se relaciona a mudar a matriz energética baseada em combustíveis fósseis, como o petróleo. Energia limpa, conservação de ecossistemas naturais (que estocam e sequestram gases estufa) e mudanças nos padrões de produção e consumo, transporte, etc., exercem tal efeito mitigador.

Adaptação às mudanças climáticas	Ações que aumentam a capacidade humana de lidar com um estado climático alterado em relação ao atual. Em outras palavras, ações que reduzem a vulnerabilidade e o risco de populações humanas se exporem a tais mudanças. O uso da conservação e recuperação de ecossistemas para aumentar a capacidade adaptativa tem se provado eficiente e de baixo custo em vários casos.
Paradigma de desenvolvimento	O paradigma de desenvolvimento vigente é o da geração e acúmulo de capital, baseado na transformação da matéria-prima. A ciência tem demonstrado a insustentabilidade desse paradigma, que exaure os recursos naturais e não assegura uma distribuição justa e equitativa do capital gerado.
Áreas costeiras	São os territórios, habitados ou não, que acompanham a linha de costa, o litoral.
Ciclones tropicais	São tempestades tropicais que se formam geralmente nos oceanos, em zonas de baixa pressão atmosférica.
Desmatamento ilegal	No Brasil, estima-se que cerca de 80% da conversão de ecossistemas naturais terrestres para outros tipos de uso (por exemplo, agricultura) esteja fora da lei. Trata-se, portanto, de um crime que, no Acordo de Paris, o Brasil se compromete a conter até 2030.
Técnicas agrossilvo-pastoris	São práticas que combinam, sobre uma mesma área cultivável, a agricultura, a silvicultura (cultivo de árvores) e a pecuária. Com frequência, tais sistemas de produção são também chamados de agroflorestas e, por vezes, possuem uma orientação orgânica.
Sustentabilidade	Originalmente definido como "o tipo de desenvolvimento que supre as necessidades do presente sem comprometer a habilidade de futuras gerações suprirem as suas", hoje estima-se que o termo já tenha mais de 300 definições diferentes.
Relatório Brundtland	Relatório produzido sob os auspícios das Nações Unidas, em 1987, pela ex-primeira ministra norueguesa Gro Brundtland. O relatório inaugura definições de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade.
Tripé social – econômico – ambiental	Justiça social, crescimento econômico e equilíbrio ambiental são os três indicadores que se integram no conceito de sustentabilidade. Há autores que incluem também outras dimensões.
Ética intergeracional	A ética moderna, de Immanuel Kant, é uma ética humana e com foco no presente. O conceito de sustentabilidade demanda uma ética que se preocupe com gerações futuras, humanas e não humanas.
Neutralização de emissões	Ações que removam gases estufa da atmosfera, compensando emissões, por exemplo, plantio de árvores.

CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES RELACIONADOS AO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS



Foto: Vigília Inter-religiosa Um Novo Dia Pela Terra (Eco 92)





Lançamento do Relatório Stern (sobre a economia das mudanças climáticas) e do filme "Uma Verdade Inconveniente" de Davis Guggenheim

2006

IPCC ganha o Prêmio Nobel da Paz

2007

Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

2012

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, 17 ao todo, a serem alcançados até 2030

2015

Convenção do Clima (COP 21): assinatura do Acordo de Paris

2015

Publicação da Encíclica Laudato Sí, do Papa Francisco

2015

Início do movimento global Fridays for Future (Sextas pelo futuro), com as greves pelo clima, propostas pela jovem ativista sueca Greta Thunberg

2018

Pandemia da Covid-19: ciência indica relação da pandemia com degradação de ecossistemas e mudanças climáticas

2020

6º Relatório do IPCC alerta: a atividade humana é a principal responsável pelas alterações climáticas e limites de sistemas naturais planetários já foram ultrapassados. Alguns são irreversíveis

2021

A TERRA É NOSSA MÃE

Mirim Ju Yan Guarany

Nós, povos indígenas, reconhecemos que a Terra é nossa mãe e que, por meio dela, somos parte de um universo espiritual muito maior. Essa consciência é compartilhada, também, pelos povos que trazem em suas religiões e culturas a memória ancestral da relação comum, em comunhão com o mundo.

Somos parte de uma imensa diversidade. Hoje, passados mais de cinco séculos de guerra de dominação e homogeneização contra nossos povos e nosso mundo, somos mais de 300 povos distintos no Brasil, com línguas e culturas próprias, e ainda dezenas de povos em auto isolamento nas florestas, fazendo o trabalho silencioso de cuidado com a vida. Infelizmente, ainda hoje, a guerra contra nossos povos e territórios continua. No entanto, mais antiga do que essa guerra é a resistência espiritual, é a consciência ancestral repassada de geração em geração há dezenas de milhares de anos; é a memória viva em nossas culturas, em cada espírito, de quem somos, que vem diretamente do criador para cada povo.

Nossa diversidade é tal como a diversidade da natureza, como o beija-flor. Quantas são suas cores, que em seu voo nos mostra a sutileza do equilíbrio. Por sermos mais novos na Terra do que o restante da natureza, a reconhecemos como nossos irmãos mais velhos e a respeitamos assim, como família. Como nossa mãe, nossa casa, nosso mundo, nosso cosmos, nosso ser. Essa é a consciência que fundamenta nossas cosmologias.

CONSCIÊNCIA É MEMÓRIA, POR ISSO, É ANCESTRAL

Não há fronteiras na relação dos povos indígenas com a Terra e toda a natureza. Assim como, na própria natureza, não existem fronteiras. O rio leva suas águas para ambas as margens, o vento está sempre a voar, sem limites.

A Terra e sua natureza vêm nos ensinando desde que viemos para cá. A sua consciência é muito maior do que a de qualquer ser humano, mas, em comunhão, conseguimos acessá-la e sermos um só. Ambas foram criadas por Nhanderu Tenondé e Nhandexy Tenondé, o Grande Espírito criador, nosso pai e nossa mãe primeiros. A natureza guarda as verdades, a consciência, os códigos e fundamentos da Terra, que orientam toda nossa cosmologia, epistemologias e ciências.

A Terra é um ser vivo, possui espírito, como toda a sua natureza. É senciente, tem consciência, é sagrada.

Essa é uma verdade original que estamos a compartilhar com toda a humanidade, para que se lembre de suas raízes e ligações espirituais ancestrais, pois consciência é memória e, por isso, é ancestral. Renova-se, mas é o próprio espírito que nos une. E é uma verdade que vem para equilibrar o que está em desequilíbrio para que possamos, juntos, cuidar do equilíbrio da vida. A consciência ancestral traz ensinamentos que foram deixados de lado ao longo do tempo pelas sociedades globalizadas, que são baseadas em uma razão objetificante. É a luz da consciência que pode nos ajudar a compreender mais sobre a verdade do universo, o que é a vida, a vida que somos, nossas sociedades e sobre cada uma e cada um de nós.

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE DEVEM DIALOGAR

Nossa relação com a Terra e com o território é indissociável. Somos os povos originários ancestrais desta Terra Yvyrupa e a demarcação e homologação dos territórios indígenas é um direito que Nhanduru nos deu, assinado na Constituição Federal e que a Justiça precisa também assegurar. Territórios ancestrais, lugar da vida, onde há a consciência do equilíbrio da vida. Não demarcar gera muita violência e, em si, já é uma violência colonial dominadora.

Algumas filosofias religiosas e científicas tratam a Terra como um objeto, consideram que o homem estaria acima dela e que seria o seu dono. Com base nessa mentalidade de domínio, de 'sou o dono da verdade', quantas guerras não foram feitas? Quanta destruição não resultou dela? Onde os fins justificam os meios, perdidos estão os princípios.

A destruição da natureza, que ocasiona as mudanças climáticas, é muito visível para nós. São cinco séculos de terras sendo destruídas ao nosso redor e indígenas sendo violentados e expulsos de seus territórios tradicionais. Os povos indígenas foram os primeiros que perceberam para onde leva o caminho da destruição. Como dizem os provérbios antigos, quando os rios estiverem sujos, as florestas derrubadas, veremos que dinheiro não se come. Estamos aqui para que as sociedades tomem consciência disso e evitemos mais destruição.

Para que exista equilíbrio entre as diversas formas de vida e o ecossistema, é preciso que ciência e espiritualidade dialoguem, que as instituições, empresas e religiões respeitem os povos indígenas e tudo que temos a dizer. A palavra que define esse diálogo se chama consciência, entendida não apenas como conhecimento, mas como modo de pensar, estar e ser. E os povos Indígenas, como anciões da humanidade, possuem em suas culturas vivas e sabedorias a conexão com essa consciência, tendo muito o que ensinar e continuar aprendendo.

Mirim Ju Yan Guarany

Jovem morador e aprendiz da aldeia Tekoa Itakupe em São Paulo e graduando em Geografia na Universidade de Brasília (UNB).

ECOESPIRITUALIDADE: UMA VEREDA PARA CASA...

Moema de Miranda

"Quanto mais longe da terra, tanto mais longe de Deus."

Gilberto Gil

Amarra o teu arado a uma estrela.

Nenhuma geração antes da nossa precisou aprender a viver em um mundo distópico, isto é, um mundo em que o futuro anuncia – com certeza cada vez maior – que "o pior está por vir". Muitas gerações atravessaram guerras, dilúvios e exílios. Muitos viveram o fim do mundo onde habitavam. Muitos povos foram exterminados e muitos territórios expropriados. Muitos deuses foram aniquilados, quando seus devotos e suas devotas foram submetidos a genocídio. Muitos deicídios aconteceram neste planeta Terra. Mas com nenhum destes povos poderíamos aprender o que fazer ao chegar neste tempo que agora se apresenta: o Antropoceno. Tempo da história da Terra em que os humanos "se tornaram uma força geofísica". Tempo em que, diz o Papa Francisco, vivemos em "retrocesso" (Encíclica Fratelli Tutti) e filósofos afirmam que "o sentido de perder o mundo, agora, é coletivo".

O AQUECIMENTO É UMA DAS URGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Não faltam evidências de que o aquecimento global continua a aumentar, apesar dos avisos dos povos ancestrais, dos alertas da comunidade científica, das declarações de lideranças religiosas. E o "aquecimento" – bem sabemos – é uma entre outras urgências contemporâneas: perda de biodiversidade; pandemias; poluição e muito mais.

À beira deste abismo, teremos nós capacidade de ver e ouvir falar de dor e de nos "co-mover"? Teremos nós, que desejamos seguir Jesus, algo a dizer a este tempo? Algo a fazer em relação a ele? E, caso achemos que há algo a dizer/fazer, o que seria? Com quem?

Lançada pelo Papa Francisco em 2015, pouco antes da Conferência do Clima de Paris (COP 21), a Encíclica Laudato Sí demarcou para a Igreja Católica um ponto importante de chegada. Ponto também de partida, de saída de si, em direção a um diálogo que se dispõe a envolver todas as "pessoas de boa vontade". Penso que, neste caso, o que define a "vontade" como "boa" é a

disposição a se colocar em comunhão, na busca da compreensão do que se passa no planeta e do que pode ser feito em relação à “complexa crise socioambiental” que coloca em risco toda a vida.

UMA NOVA FORMA DE SER E DE FAZER POLÍTICA

A Encíclica Laudato Sí nos sugere passar do sentimento de “fraternidade universal”, como São Francisco nos inspira há oito séculos, a uma atitude de cosmopolítica que ganha agora um sentido verdadeiramente cósmico, mais que humano: uma conversão ecológica, integral. Esta nova forma de ser e de fazer política, nesta pólis que é agora toda a casa comum à vida, exige novas alianças: envolve os rios, os glaciais, as abelhas e florestas. Supõe, também, humildade e a coragem resoluta dos que amam. Clama por uma “revolução cultural”.

Animado pelo espírito que se expressa na Laudato Sí, e sentindo a importância de seguir dando passos que nos permitam encontrar caminhos nestes tempos desafiantes, o Papa Francisco convocou o Sínodo para a Amazônia. Tendo como lema “novos caminhos para a Igreja e para a Ecologia Integral”, o Sínodo abriu um intenso processo de diálogo e escuta. Um encontro com os povos que vivem na Amazônia. Povos que guardam a floresta, os rios, os mananciais. Povos que, afirmou o Papa, “nunca estiveram tão ameaçados quanto agora pela ganância insaciável” de uma “economia que mata”.

TUDO RESPIRA E ESTÁ IMERSO EM SACRALIDADE

Quanto mais nos colocamos em diálogo com povos originários, mais nos damos conta de que eles habitam uma espiritualidade profunda. Não apenas “tem” uma espiritualidade com a qual podemos aprender a viver melhor nesta casa que nos é comum. Eles habitam em um mundo que é todo espiritual: o mesmo mundo que nós. Mas “outro mundo”. Respeitam e alimentam os laços que entretecem a vida no espírito. Tem consideração e estima por tudo que vive, porque tudo respira espírito de vida.

E a vida se faz neste respiro de tudo que há: rios, terra, vales, gente, milho e samaumeira. Tudo respira e está imerso em sacralidade. O sentido espiritual, então, vincula a comunidade dos humanos à vida e à defesa da vida. Temos chamado este caminho de eco-espiritualidade.

Assim nos diz o Papa Francisco, na Exortação que escreveu inspirado pelo percurso do Sínodo da Amazônia, “Querida Amazônia”:

“Aprendendo com os povos nativos, podemos ‘contemplar’ a Amazônia, e não apenas analisá-la, para reconhecer esse precioso mistério que nos supera; podemos amá-la, e não apenas usá-la, para que o amor desperte um interesse profundo e sincero; mais ainda, podemos sentir-nos intimamente unidos a ela, e não só defendê-la: e então a Amazônia tornar-se-á nossa como uma mãe. Porque se «contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres»” (QA, 55)

Que assim seja! Da Amazônia ao mundo: por veredas que levam de volta a Casa.

Moema de Miranda, OFS (Ordem Franciscana Secular do Brasil)

“Jesus deve ser amado como um mundo”
Pierre Teilhard de Chardin

Queremos iniciar esta reflexão trazendo o testemunho e a citação do Padre Teilhard de Chardin que, como arqueólogo e antropólogo, teve uma visão abrangente de Deus e da Criação, apresentando uma percepção cósmica esplêndida, dinâmica e interligada.

Como pensar o clima a partir da fé, como incluir o aquecimento climático como um desafio e um questionamento à nossa forma de viver e praticar a nossa crença cristã? Exige, desde já, ir além da consideração do clima como bem público e vital, para nos interrogar sobre quem somos, o que nos leva a uma reflexão na perspectiva antropológica.

Somos Terra e a ela pertencemos, o clima é nosso cobertor natural, nosso meio e a extensão de nossa sensibilidade corporal. Somos também filhos de Deus, de um Deus Pai Criador, imanente e presente na sua obra e transcendente, sendo Cuidador e misericordioso para com todos os seres, sustentando-os e alimentando-os na sua Providência amorosa. Mas o Pai nos criou à sua imagem, inseridos numa comunhão vital com a Terra e com todas as criaturas, como jardineiros (embelezadores, paisagistas) e guardiões deste patrimônio biológico que constitui nossa Casa Comum.

NOSSA CRISE TEM COMO RAIZ A GANÂNCIA

Certamente, descumprimos este mandato e vocação motivados pela soberba razão tecnocrática que mercantiliza a vida e violenta a Mãe Terra. Estamos, como nunca, ameaçados com a destruição da nossa espécie e da vida na Terra, o que propõe, como urgência, saber de que maneira viveremos e como superaremos esta crise civilizatória e planetária. Ela tem a ver com o que nos ensinam as religiões, e de uma maneira específica o cristianismo, a respeito da vida feliz e da inteireza do ser humano nas bem-aventuranças do Evangelho. Podemos afirmar que são desdobramentos da primeira e principal, que propõe a pobreza afetiva e efetiva como caminho de realização.

Sim, nossa crise tem como raiz a ganância e a soberba da acumulação predatória e consumista, que negam substancialmente e frontalmente as bem-aventuranças. Tendência idolátrica que comanda nossas atitudes e gera uma economia baseada no lucro desmedido e exacerbado, que não se detém mais nas consequências trágicas da exploração de seres humanos e na exaustão e degradação da Terra. Justamente esta concepção é a negação da economia que, etimologicamente, significa cuidado com a Casa.

A palavra grega oikos, que designa casa, é a mesma origem das nossas palavras: economia, ecologia e ecumenicidade. Estes três termos estão intimamente relacionados, pois mostram uma economia a serviço da vida, sustentável e interligada com tudo e com o todo, que expressa também uma mística e um profundo sentido de respeitar a Terra e a vida como dons sagrados de Deus.

AS MEGACIDADES SÃO INSUSTENTÁVEIS

Toda esta situação nos leva a ver nossa moradia atual, o contexto urbano, como espelho e reflexo do afastamento da aliança com a vida e do estranhamento para com a Criação, como aconteceu com a Babel bíblica, relato de um projeto alicerçado no egoísmo e no esquecimento da nossa vocação humana de cuidadores. O clima ou as modificações climáticas, as altas temperaturas devido à concentração de dióxido de carbono na atmosfera, as cidades do asfalto, com o consequente desmatamento e desequilíbrio dos processos de regeneração, mostram a insustentabilidade das megacidades e da urbanização descontrolada e sem raízes com o ambiente.

Há salvação para a cidade e na cidade: uma ecoteologia que possa superar e curar o dualismo entre a natureza e os seres humanos, que nos ensine a possibilidade de construir um espaço humano e sustentável, que respeite e harmonize os direitos da Natureza com os direitos humanos, a segurança humana e o planejamento com os processos e ciclos da vida no planeta, gerando assim cidades limpas e bióticas, verdes e arejadas.

Afinal de contas, não podemos esquecer que o Espírito Santo tem sua plena efusão numa cidade, Jerusalém. Como Espírito da Vida, sopro divino, Ele transforma o Universo, gerando a Cultura de Pentecostes, da unidade perfeita entre os povos, etnias e nações para habitar a Terra, com a linguagem do amor e da caridade plena. A Trindade na sua Pericorese

essencial, sua vida íntima, nos revela a comunhão na graça e na verdade do amor, que gera um universo relacional, interdependente, que aspira e se realiza na harmonia e na reciprocidade de tudo e de todos como dom e dádiva gratuitos.

CAMINHAMOS PARA A CONVERSÃO ECOLÓGICA

A espiritualidade cristã é profundamente trinitária e por isso ecológica na sua integralidade e relacionalidade. Caminhamos na esperança para a consumação do amor que exige hoje o que o Papa Francisco propõe claramente na *Laudato Si*, a conversão ecológica. Esta conversão reclama e demanda quatro princípios e quatro virtudes apresentados por Jürgen Moltmann e Leonardo Boff no seu livro: "Há esperança para a criação ameaçada?".

O primeiro princípio que revela a obra do Pai é o cuidado. Implica uma relação de proteção e de cordialidade para com a Criação, de cura e admiração para com a Terra. O segundo, o respeito, que vem do latim *respicere*, um olhar de veneração e de encantamento, de assombro e gratidão.

O terceiro é o da responsabilidade universal, tudo está relacionado, e intrinsecamente unido. Não existe mais uma Arca de Noé, a Criação inteira é a Arca da Salvação, com ela vivemos ou perecemos.

O quarto e último dos princípios é o da cooperação incondicional. Já Kropotkin tinha assinalado que mais que a sobrevivência do mais forte de Darwin, a lei universal da evolução é a cooperação e solidariedade entre os componentes de uma determinada espécie e da própria humanidade. Só colaborando juntos venceremos a pandemia do coronavírus e a resistência a um consenso razoável de limitação às emissões de carbono.

As quatro virtudes que a atual conjuntura de um mundo fechado e sombrio pelas pandemias, não só virais, mas egóticas e odiosas, estão a sugerir são: a hospitalidade, que significa acolhida da fraternidade universal e cósmica de todos os seres humanos e criaturas da Terra.

¹ Piotr Kropotkin (1842-1921), economista, geógrafo, historiador e sociólogo russo, um dos principais pensadores do anarquismo no fim do século XIX. Fonte: Wikipedia

A solidariedade intercultural, inter-religiosa, interespiritual e interespecies. A segunda, a convivência plural e das diferenças, assimilando e valorizando a complementaridade e reciprocidade das relações, das trocas e intercâmbios. A terceira é a tolerância, pois nem sempre poderemos conseguir a convergência ou unanimidade nos valores e costumes, mas será sempre necessária uma tolerância nobre e ativa para consensualizar o respeito e o direito a expressar-se livremente na sua existência. A última virtude, muito praticada por Jesus Cristo, a temos na comensalidade, pois a partilha do pão na justiça e solidariedade é o que garante a fraternidade, por isso, passamos na oração principal do cristianismo do Pai nosso ao Pão nosso.

PRECISAMOS DE UM GENEROSO AMOR À VIDA

Uma conclusão humilde e aberta desta partilha de nossos anseios como cristãos para enfrentar as mudanças climáticas seria afirmar que

não basta só a ciência ou a tecnologia para sairmos deste momento crucial para a humanidade, precisamos ter um generoso amor à vida e uma paixão pelo Deus Amor que sustenta e cuida de toda a Terra.

Gostaria de oferecer também uma frase final de inspiração do escritor Gabriel Garcia Marquez: "(...) Los seres humanos no nacen para siempre el día en que sus madres los alumbran, sino que la vida los obliga a parirse a sí mismos una y otra vez".

Paz e Bem!

Dom Roberto Francisco Ferrería Paz, bispo diocesano de Campos, no Rio de Janeiro

² "(...) Os seres humanos não nascem para sempre no dia em que as mães os dão à luz, e sim que a vida os obriga outra vez e muitas vezes a se parirem a si mesmos."

A nossa fé entende a relação entre o ser humano e o meio ambiente a partir do que diz a Bíblia sobre a criação. Depois de criar o céu, a terra e o mar, Deus fez o homem e a mulher. Diz o texto sagrado: "Ele viu que era bom, igualmente, quando criou o homem e a mulher". Dessa perspectiva de fé, a criação é uma história de amor de Deus com a humanidade e o meio ambiente. "Deus viu que era bom" é o mesmo que dizer "Deus viu que era belo". É um abraço ético e estético que eu encontro na nossa fé cristã.

O Livro de Daniel, no Antigo Testamento, relata a história de três jovens judeus que foram levados à fogueira porque se negaram a adorar o deus de Nabucodonosor. Em meio ao fogo, eles entoaram um canto belíssimo: "Obras do Senhor, bendizeis ao Senhor, louvai-O e exaltai-O pelos séculos sem fim (...)! Lua e sol, bendizeis ao Senhor! Astros e estrelas, bendizeis ao Senhor! Chuvas e orvalhos, bendizeis ao Senhor! Brisas e ventos, bendizeis ao Senhor! Fogo e calor, bendizeis ao Senhor!". Esse cântico exalta a comunhão entre todos os seres, e me norteia pessoalmente no compromisso com a ecologia e o meio ambiente.

Temos belos textos sagrados que entendo ser de uma riqueza mística, ética e estética maravilhosa nesse assunto. Como por exemplo o capítulo 8 da Epístola de São Paulo aos Romanos. Ali está escrito que a criação geme como dores de parto esperando, também ela, a liberdade dos filhos de Deus. Paulo diz, assim, que não somente o homem e a mulher são filhos de Deus, mas a criação toda também é filha de Deus; por isso mesmo, nossa irmã. Há uma comunhão cosmológica na fundamentação da experiência de fé cristã católica, que nós somos convidados o tempo todo a viver.

O DIREITO FUNDAMENTAL À VIDA

Na Encíclica Laudato Si (Louvado seja meu Senhor, louvado seja) o Papa Francisco apela por uma conversão à 'ecologia integral', que amplia a dimensão da sustentabilidade para além das empresas. O Pontífice observa que essa responsabilidade cabe a todos nós e que tudo está interligado. Na Encíclica Fratelli Tutti, ele cita São Francisco, "somos todos irmãos", e ressalta: "Ou nos salvamos juntos ou nos perdemos juntos."

Superando o divórcio, que põe de um lado o homem e a mulher, e de outro a criação e o meio ambiente, poderemos garantir o direito humano fundamental que é a vida.

Com o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável será possível viver em um mundo de justiça, fraternidade e paz.

O CAMINHO DA SUSTENTABILIDADE

Lidar com as questões ambientais é um imenso desafio. Essa comunhão cosmológica, a partir da fé em Jesus, orienta nossa prática cotidiana. Como instituição, a Igreja tem um compromisso com as questões ambientais. Há mais de 50 anos, ela promove a Campanha da Fraternidade. A primeira com o tema do meio ambiente foi em 1979. É muito rico, porque são 40 dias de encontros de espiritualidade e estudos do texto base da Campanha.

O Papa Francisco dedica o primeiro capítulo da Encíclica Laudato Si ao que está acontecendo na 'Casa Comum'. O Pontífice afirma que o clima é um bem comum, discorre sobre o aquecimento global, as mudanças climáticas e tudo o que a sociedade pode fazer para não chegar ao precipício.

Temos dois caminhos, e a minha fé percebe que posso optar pelo da sustentabilidade, que o Papa Francisco chama de 'ecologia integral', e que é diferente do caminho do 'descarte'.

As religiões, sejam elas do Ocidente ou do Oriente, têm uma matriz ética de base comum que nos interpela de maneira conjunta a contribuir para essa sustentabilidade, respeitando nossas diferenças de crença.

Vivemos tempos de desesperança, mas, como dizia o grande mestre Paulo Freire, precisamos conjugar o verbo 'esperançar'. Olhar as estrelas do céu, como o patriarca Abraão, e renovar a esperança de garantir os direitos humanos, civis, econômicos, políticos, sociais, culturais e ambientais, a ecologia integral.

Padre Fabio Potiguar Santos

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A AÇÃO CLIMÁTICA: 5 IDEIAS PARA PÔR EM PRÁTICA



Você sabe o que é ação climática?

São ações individuais ou coletivas que visam contribuir para a redução do aquecimento global, e promover capacidade de adaptação às consequências das mudanças climáticas.

1 INFORMAR-SE!

Somente nos mobilizamos para resolver um problema quando entendemos sua gravidade e percebemos os impactos que ele causa em nosso dia a dia. Busque sempre informações qualificadas, pesquise, faça perguntas, procure dados atualizados, acompanhe as notícias e programas sobre a crise climática e outros temas ambientais.

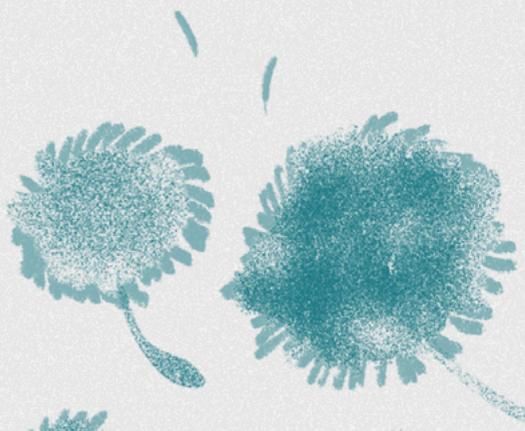
Neste Guia, apresentamos, em grandes linhas, o que são mudanças climáticas, além de vídeos e textos que estão nas nossas sugestões de materiais complementares ("Saiba mais").

2 MUDAR SEUS HÁBITOS!

Procure fazer escolhas conscientes com relação aos seus hábitos individuais e converse com familiares, amigos, vizinhos e membros da sua comunidade de fé para que também façam a parte deles.

Algumas sugestões:

- Use água e luz de forma consciente;
- Sempre que possível, troque o carro e a motocicleta pelo transporte público, a bicicleta ou a caminhada;
- Prefira utensílios reutilizáveis ao invés dos descartáveis, como os sacos e as sacolas plásticas do mercado;
- Dê preferência a mercadorias de produtores locais;
- Reduza o consumo de carnes;
- Diminua o lixo que você produz e recicle o que for possível. Experimente também fazer compostagem com os resíduos orgânicos de sua casa ou comunidade.



CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A AÇÃO CLIMÁTICA



3 DIALOGAR COM SUA COMUNIDADE!

Compartilhar conhecimento é muito importante, mas é necessário ir além. Escutar o que os membros da sua comunidade pensam sobre crise climática e sobre quais medidas eles acham importante - e possível - pôr em prática pode ser uma excelente maneira de começar a se mobilizar coletivamente!

Organize uma reunião em sua comunidade de fé e convide mais pessoas para participarem. Como temas de discussão, vocês podem abordar:

- Quais são os principais problemas ambientais do bairro ou cidade em que sua comunidade religiosa está inserida?
- Como os membros de sua comunidade percebem as mudanças climáticas e seus impactos?
- Como os problemas ambientais impactam a saúde das pessoas?
- De que forma a comunidade religiosa pode se organizar para buscar alternativas de enfrentamento desses problemas?

4 CONHECER E PARTICIPAR!

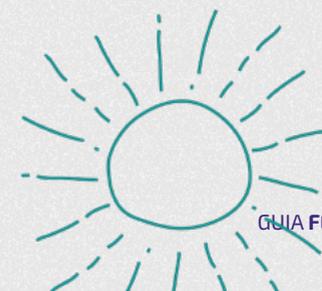
Além de compreender o que são as mudanças climáticas e dialogar sobre isso com a sua comunidade, é fundamental SABER COMO e ONDE AGIR.

Procure saber quais são as instâncias de participação popular do seu município e estado. Informe-se sobre o Conselho Municipal do Meio Ambiente, o Conselho Estadual de Meio Ambiente e o Comitê de Bacias Hidrográficas e suas atribuições, por exemplo. Além disso, conheça melhor as organizações e movimentos ambientais do seu bairro ou cidade e participe deles.

VOTAR CONSCIENTE!

Os responsáveis por criar leis e implementar políticas públicas de enfrentamento à crise climática são os políticos eleitos pela população. Antes de escolher os representantes aos quais você confiará o seu voto nas eleições:

- Leia atentamente as propostas políticas dos candidatos/candidatas;
- Escolha candidatos (as) comprometidos (as) com as pautas ambientais, climática e da sustentabilidade;
- Após o resultado das eleições, acompanhe a atuação e o posicionamento dos representantes que você elegeu. Fiscalize!



Assunto	Título	Instituição	Acesse aqui
Florestas & Amazônia	A importância das florestas em pé	Ipam	Link
	Fórum Global dos Governadores para Clima e Florestas – GCF		Link
	Amazônia em chamas: o que queima e onde		Link
	O ar é insuportável – Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde		Link
Mudanças climáticas	Impactos das mudanças climáticas no Brasil	Inpe	Link
	Causas das mudanças climáticas	WWF Brasil	Link 1 Link 2
	Economia da mudança do clima no Brasil: custos e oportunidades	Ipam	Link
	Acordo de Paris sobre o Clima	ONU	Link
	Monitoramento da implementação da política climática brasileira	WRI Brasil	Link
	Falar de mudanças climáticas é falar sobre a sua vida	Greenpeace	Link
	Mudanças do clima	Inpe	Link
	A Covid-19 intensificou a crise climática	Cidadania Inteligente	Link
	5 estratégias para, ao mesmo tempo, mitigar e se adaptar às mudanças do clima	WRI Brasil	Link
	Podcast Revoar - 2ª temporada: crise climática e democracia	Laut	Link
	Políticas de clima	WWF Brasil	Link
	Livro: Mudanças do clima: tudo que você queria e não queria saber Autor: Sérgio Margulis	iCS & Konrad Adenauer Stiftung	Link
	Rio Negro, Manaus e as mudanças no clima	Instituto Socioambiental	Link
	O futuro que queremos	Inpe	Link
	Calculadora de emissões de GEE de pessoas	Observatório do Clima	Link
	Política Nacional de Mudança do Clima - 2020	Instituto Talanoa	Link

Mares, rios e oceanos	Década do Oceano e a corrida contra o tempo	O Eco	Link	
	Manual de Ecossistemas Marinhos e Costeiros para Educadores	Rede Biomar	Link	
Efeito estufa	Efeito estufa	Inpe	Link	
	Camada de ozônio		Link	
Justiça Climática	Injustiça ambiental e saúde no Brasil	FioCruz	Link	
	Juventudes e Justiça climática	British Council	Link	
	Visão das Juventudes	Engajamundo	Link	
	Cartilha Juventude e Justiça Ambiental	FASE	Link	
	Justiça Climática	Andréia Coutinho	Link	
	Racismo Ambiental	Racismo Ambiental	Rita Maria da Silva Passos	Link 1
			Tatiane Matheus (ClimalInfo)	Link 2
	Racismo Ambiental	Racismo Ambiental	Diosmar Filho	Link
	Clima e Direitos Humanos	Clima e Direitos Humanos	Conectas	Link
	Gênero e Clima	Gênero e Clima	Observatório do Clima	Link 1 Link 2
Ciclo do carbono	O ciclo do carbono	Inpe	Link	
IPCC	6º relatório do IPCC comentado (2021)	Observatório do Clima	Link	
Acordo de Paris	Acordo de Paris: um guia para os perplexos		Link	
Energia	Clima e energia	WWF Brasil	Link	
Cidades e clima	Soluções para emissões de gases nos municípios brasileiros	SEEG Municípios	Link	

CONHEÇA ALGUMAS ORGANIZAÇÕES REFERENCIAIS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO BRASIL: [Clique nos nomes e acesse o link](#)

- Centro Brasil no Clima (CBC)
- ClimaInfo
- COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
- CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais

Quilombolas – Nacional

- Empodera Clima
- Instituto Clima e Sociedade
- Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM)
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)
- Instituto Socioambiental
- Observatório do Clima
- WRI Brasil
- Instituto Talanoa
- Iyaleta - Pesquisa, Ciência e Humanidades
- Política por inteiro
- Rede Jandyras
- Plataforma subnacional para o Clima
- WWF Brasil
- Clima de Eleição
- Engajamundo
- Fridays For Future Brasil
- Instituto Perifa Sustentável
- XR Regenerar

A lista de referências e demais fontes acima serão periodicamente atualizadas e publicadas no site do Fé no Clima. Consulte!

A iniciativa Fé no Clima busca mobilizar e reunir lideranças religiosas de diferentes crenças para a conscientização de suas comunidades de fé no enfrentamento à crise climática. Fazemos isso por meio do diálogo entre cientistas, religiosos, ambientalistas e representantes de povos indígenas, com objetivos de adaptação, resiliência e justiça climática.

Estamos aqui para contribuir com vocês nessa missão!
Acesse nossos canais de comunicação, entre em contato:

site: www.fenoclima.org.br

 /Fé no clima



O Guia Fé no Clima pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.

